



Sem título, da série *Em Gerais*, 1990
Técnica mista sobre papel 36,5 x 50 cm
Coleção Alexandre Zupff
Fotografia Thales Leite

MAGLIANI – UMA ARTISTA RADICAL

DENISE MATTAR – ABCA/SÃO PAULO

RESUMO:

Maria Lídia Magliani, pintora, desenhista, gravadora, ilustradora, figurinista e cenógrafa, é uma figura inspiradora que deixou sua marca no cenário cultural e artístico. Originária do interior do Rio Grande do Sul, desde cedo demonstrou uma paixão fervorosa pela expressão criativa, inicialmente refletida em uma produção marcada por um tom melancólico e lírico. Como mulher, negra e de origem humilde, Magliani encontrou na interseção de suas identidades o combustível para uma obra visceral, dolorida e pungente. Embora sua pintura tenha progredido notavelmente ao longo do tempo, todas as suas obras mantiveram uma coesão singular. O falecimento da artista em 21 de dezembro de 2012 representou uma perda para as artes visuais, deixando para trás um legado singular. Sua obra, frequentemente incompreendida, revela uma artista comprometida com uma expressão visceral e autêntica, distante de rótulos étnicos ou políticos.

PALAVRAS-CHAVE:

Artes plásticas.
Artistas plásticos. Expressionismo.
Magliani, Maria Lídia.

ABSTRACT:

Maria Lídia Magliani, painter, draftswoman, engraver, illustrator, costume designer, and scenographer, is an inspiring figure who left her mark on the cultural and artistic scene. Born in the countryside of Rio Grande do Sul, she demonstrated a fervent passion for creative expression from an early age, initially reflected in a production marked by a melancholic and lyrical tone. As a woman, Black, and of humble origin, Magliani found in the intersection of her identities the fuel for a visceral, painful, and poignant body of work. Although her painting progressed notably over time, all of her pieces maintained a singular cohesion. The artist passing on December 21, 2012, represented a loss for the visual arts, leaving behind a unique legacy. Her work, often misunderstood, reveals an artist committed to a visceral and authentic expression, distant from ethnic or political labels.

KEYWORDS:

Fine arts. Visual artists.
Expressionism. Magliani, Maria Lídia

Maria Lídia Magliani (1944-2012) foi uma artista gaúcha que, em muitos aspectos, compartilhou afinidades artísticas com Iberê Camargo. Ambos escolheram a matriz expressionista, defendendo a pintura como forma de expressão contundente, urgente e ríspida - como os ventos do Sul. Mulher, negra e pobre, Magliani encontrou na conjunção de suas identidades o catalisador para uma obra visceral, dolorida e pungente, uma “arte para incomodar”.

Numa carta de Iberê Camargo para Magliani, localizada no material documental da Fundação Iberê, durante a pesquisa para a exposição apresentada na instituição de 19 de março a 31 de julho de 2022, o artista, que não era pródigo em elogios, reconhecia a afinidade entre a obra de ambos com as palavras: “Nós dois temos a mesma meta, o mesmo ideal, a mesma devoção. Haveremos de deixar nossos rastros nesse chão em que nascemos.”

Magliani nasceu em Pelotas, mas sua família mudou-se para Porto Alegre, em 1950. Ela iniciou sua trajetória artística na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande



Magliani, déc. 1980 Acervo Caio Fernando Abreu Delfos_PUCRS

do Sul, em 1963. Foi a segunda mulher negra a receber o diploma do Curso de Pintura da instituição, mas a única, naquela época, a seguir carreira. Apoiada por seu professor Ado Malagoli, apresentou já em 1966,

ano de sua formatura, uma exposição individual. Sua produção nesse período se caracteriza pelo uso de tons escuros aplicados com texturas. Sobre o fundo negro surgem figuras estáticas e pálidas, como espectros. Elas têm um ar perdido, e, mais do que portar as flores em suas mãos, parecem se segurar nelas, como âncoras para seu desamparo.

Em 1967, Magliani conheceu Caio Fernando Abreu. Tornaram-se inseparáveis e estabeleceram uma sólida amizade que continuou até o falecimento do escritor.

A relação entre eles, frutífera intelectualmente, foi, entretanto, um permanente motivo de angústia para a artista. Encantada pela afinidade de ideias e sentimentos que compartilhava com Caio, Magliani sempre teve a consciência que ele a via apenas como uma querida amiga - mas isso doía. “Não tenho canto nem palavra/ Que cobrir este vazio/ Não te encontro, não me vês/ E evitando e esperando/ De medo e espera fumamos”, escreve ela para Caio, numa poesia dedicada a ele, em carta desse mesmo ano.

Magliani era uma missivista contumaz. A leitura de sua correspondência revela uma personalidade complexa, rascante e agressiva, mas também divertida e amorosa. Suas cartas evidenciam a instabilidade financeira que sempre a acompanhou, a carência afetiva da qual se ressentia e uma inquietude profunda que a levava constantemente a mudar de cidade e de endereços, em busca de algo que jamais encontrou.

Entre 1970 e 1974 houve uma sensível diminuição da produção plástica da artista, um período intenso no qual ela trabalhou em teatro, e como ilustradora e diagramadora da Revista ZH do jornal Zero Hora. Mas tudo mudou quando, em 1976 Magliani foi convidada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul a realizar uma exposição comemorativa dos seus dez anos de atividade artística. Ela apresentou a série *Anotações para uma história*, que reunia um conjunto de figuras de olhos vazados e expressão perdida, cérebros comandados por fios e movimentos decididos por cordas. Um rascante retrato da dependência do homem às conjunções

de poder e de controle da mídia. Foi um choque! A sociedade gaúcha não estava preparada para o que viu. O trabalho foi considerado de mau gosto e, como consequência nada foi comprado pelos colecionadores.

A imprensa colocou-se ao lado de Magliani, e no dia 20 de maio de 1976, Angélica de Moraes abriu sua matéria para a Folha da Manhã com uma frase da artista: “Não sei por que as pessoas se assustam tanto com a ficção. A realidade é muito pior”. O revés financeiro não demoveu Magliani, e, no ano seguinte, ela levou ainda mais longe sua proposta realizando a série *Elas*, com grotescas mulheres seminuas, imensamente gordas, que ela considerava uma espécie de “retrato interior da humanidade”. Um desenho dessa série valeu à artista o primeiro prêmio do I Salão de Desenho do Rio Grande do Sul em 1977. Participaram do júri o crítico paulista Jacob Klintowitz e o crítico carioca Marc Berkowitz, que, surpreendidos pelo vigor do trabalho, passaram a indicar Magliani para exposições e salões em seus estados.

Em setembro do mesmo ano a artista apresentou um conjunto da série *Elas* numa mostra individual na galeria do Instituto dos Arquitetos do Brasil, em Porto Alegre. Em entrevista da época, dizia ela: “Quando eu pinto as minhas gordas, quero que elas saiam da tela e sufoquem o espectador. É um clima como daquela música do Belchior (A Palo Seco): ‘Quero que esse canto torto/caia feito faca/ em cima de você’. [...] “Eu gostaria de dizer às pessoas que veem meus quadros: ‘Sinto muito, senhores, não é agradável’”. Apesar da contundência de sua obra ser maior do que o fora no ano anterior, o aval de críticos do eixo Rio-São Paulo cumpriu importante papel e Magliani viu seu trabalho começar a ser reconhecido em casa.

Podemos dizer que nesse momento Magliani estabelece definitivamente seu repertório, tanto imagético quanto construtivo. Seus trabalhos expressam as ansiedades e medos que permeiam os anos 1970, aliados aos fantasmas pessoais da artista. Seus retratos, viscerais, macabros e inquietantes, emitem gritos, que soam abafados atrás de máscaras, e os rostos obesos

parecem sempre prestes a explodir num mar de gordura. Os corpos calipíngos são representados aos pedaços, torturados por calcinhas, meias, sutiãs e cintas-ligas, e apertados em espaços claustrofóbicos. A paleta da artista é desconcertante, pois é paradoxalmente sombria e candente, as imagens são voluptuosas, mas não eróticas, e os corpos amputados parecem constituídos de diferentes pedaços, como colagens.

A adoção de uma temática tão radical parece render tributo à Magliani ilustradora. Trabalhando em redações ela participou do dia a dia da imprensa, e também de publicações alternativas, como o jornal *Versus*, de cunho político, a revista *Tição*, veículo de combate ao racismo, e *Lampião da Esquina* que abordava os preconceitos contra as comunidades hoje chamadas de LGBTQI+. Essa vivência foi, sem dúvida, fundamental para a abordagem contundente que ela adotou na sua pintura, mas, apesar de pessoalmente engajada na luta pelos direitos humanos, Magliani não admitia que sua obra fosse interpretada como política ou identitária. Era

intransigente nessa questão. São muitas as declarações dela a esse respeito. “Meu interesse é pelo que as pessoas sentem, não pelo que elas pensam” [...] “Tenho preocupação com a vida, com a humanidade em geral. Nada a ver com raça específica, religião, nada. A essência humana é igual para todos. O que interessa é isso. Todos os outros acréscimos: nacionalidade, cor, ideologia, credo, preferência sexual, time de futebol, tudo isso é acessório.”

Dentro dessa atitude de defesa da autonomia da sua obra, estava também a rejeição a todo tipo de abordagem referenciando seu trabalho à negritude. “Ser uma pessoa de cor negra não interfere em nada na minha pintura e não entendo a sempre presente preocupação das pessoas com este aspecto. [...] Por que sempre me perguntam como é ser negra e ser artista? Ora, é igual ao ser de qualquer outra cor. As tintas custam o mesmo preço, os moldureiros fazem os mesmos descontos e os pincéis acabam rápido do mesmo jeito para todo mundo.” A posição de Magliani sempre foi candente nessa questão,

ela afirmava, desassombradamente, que era contrária a guetos, e também pagou o preço por essa atitude. Na importante publicação da UFRGS, *Nós, os afro-gaúchos*, de 1997, fez a seguinte declaração; quase um manifesto: “Sou brasileira, nascida no Rio Grande do Sul. Isto é o bastante. Não quero escolher uma raça em função da cor da minha pele. Não quero ser fatiada, dividida em porções, me aceito como soma.”

Em 1979, Magliani apresenta, na Galeria Independência, em Porto Alegre, a exposição *Brinquedo de armar*, reunindo desenhos e pinturas de uma série, que desenvolverá por algum tempo. Na ocasião ela declarava: “Acho que a mulher é o brinquedo mais armado e desarmado constantemente. Mas considero que todo mundo é, ou pode ser, um brinquedo de armar. A forma da mulher se presta mais à luz e ao volume. Mas o homem também é um brinquedo de armar.” Nesses trabalhos, que derivam diretamente da série *Elas*, os corpos decepados tornam-se ainda mais assustadores. Suas formas aludem à impotência do ser humano, que aceita ser usado, sem opor



Sem título,
série
*Brinquedos de
Armar*, 1980
Óleo sobre tela
59,5 x 39,5 cm
Coleção Luiz
Damasceno
Fotografia
Estúdio
Dezenove



Modelo 19, série *Anotações - Figuras*, 1983 Desenho 70 x 100 cm Coleção Museu Nacional de Belas Artes, RJ Fotografia Thales Leite

resistência, seu corpo transformado em tripas expostas que se retorcem, enrolam e emaranham, até formar nós.

Em fevereiro de 1980, estimulada pela recepção positiva de sua obra, Magliani muda-se para São Paulo. Lá produz as séries *Pin-Up*, *Encontros numa esquina*, e *Retratos falados*, quando seu trabalho se reveste de novas características. A cor adquire força e se torna imperiosa. Magliani abandona os tons sépia, passando a usar cores vibrantes e ácidas. No desenho mescla lápis de cor, de cera, pastel, grafite, e até materiais de maquiagem, como corretivo e delineador, e na pintura usa a tinta acrílica, adotando pinceladas ágeis e gestuais. As obras retratam figuras em close-up, que invadem a tela inteira, rostos e detalhes são vistos de uma distância em que nada escapa ao olhar. Uma proximidade reveladora que confirma a visão do poeta de que “De perto, ninguém é normal”.

Suas obras participam de exposições por todo o Brasil, mas Magliani não perde contato com Porto Alegre, realizando, em 1984, uma exposição

individual na Galeria Tina Presser, na qual, além dos *Retratos falados* apresenta a inquietante série *Crônica do amanhecer*. São trabalhos que mostram casais na cama, retratados sem o menor erotismo, perpassados por profundo constrangimento e assombro. Um desconforto agudo emana dessas obras, com mulheres de olhos arregalados de espanto, e nas quais os homens aparecem sempre vestidos, pois segundo Magliani: “Os homens nunca se despem, nunca se entregam”.

Em 1985 Magliani integra o núcleo *Expressionismo no Brasil: Heranças e Afinidades*, sala especial da XVIII Bienal Internacional de São Paulo, e, em 1987, realiza, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, a retrospectiva *Auto-retrato dentro da jaula*, que marca os 20 anos de sua carreira. Podemos dizer que é um momento de desagravo. Dez anos depois da rejeição que sofrera, Magliani é acolhida pelo público de sua cidade como uma estrela, a mais importante artista gaúcha de sua geração. No texto do catálogo Magliani já fala sobre sua produção

mais recente: a série *Discussões com Deus*. É um momento no qual a obra de Magliani conversa de perto com a de Francis Bacon, atingindo o ápice de contundência e visceralidade da pintora. Retorcidos e distorcidos, corpos e rostos se desfazem e refazem, em movimentos bruscos.

Esse período, de 1980 a 1988, o mais marcante da carreira da artista, coincide com o tempo em que ela residiu em São Paulo. Magliani, entretanto, sempre se sentiu oprimida pela cidade, e, mesmo festejada pela crítica, não obteve o retorno financeiro suficiente para assegurar sua tranquilidade. Seu trabalho desafiante e incômodo, nunca se prestou a decorar ambientes, e ela não tinha paciência para jogos sociais. Impossível não acrescentar que ela era mulher, negra e pobre, e que isso, certamente, pesou na monetização de seu trabalho.

Por isso, em 1989, ela decide residir em Tiradentes, Minas Gerais, em busca de uma vida mais tranquila e confortável. Na sua nova série *em Gerais*, ela deixa de lado os traços nervosamente coloridos da acrílica e



*A namorada
vai chorar*, 1986,
pastel seco
e oleoso, SP,
69,6 X 70cm col, MAMSP.
Foto Romulo Fialdini



Sem título, 1986,
pastel seco e pastel
oleoso sobre papel
70 x 69,8 cm
Coleção Museu de
Arte Moderna, SP
Foto: Romulo Fialdini



Um de Todos, 2005
Óleo sobre tela
40 x 34 cm
Acervo Estudio Dezenove
Fotografia Thales Leite

volta ao óleo, usando os pigmentos terrosos de Minas. E se aventura na tridimensionalidade, produzindo impactantes cabeças em madeira e papel machê. Outra série é *Acumulações*, na qual a artista cria pilhas de objetos cotidianos: bules, xícaras ou bolsas repetidos com pequenas variações. Acentuando o excesso que caracteriza nossa sociedade consumista ela usa uma estética também excessiva, com pinceladas ultra coloridas e flamejantes.

Nos primeiros tempos em Tiradentes ela encanta-se com tudo, mas, aos poucos passa a detestar o que a atraía: o pequeno tamanho e a vocação turística da cidade, o fato de encontrar sempre as mesmas pessoas...o que a leva a decidir-se a sair de lá. A permanência, de fato, não trouxe bons resultados para Magliani, pois ela não conseguiu a tranquilidade que esperava, e, por não estar à vista, deixou de ser chamada para exposições, diminuindo sua visibilidade, caindo num círculo vicioso de apagamento. Vale observar que nos anos 1990, a pintura perde seu lugar para a arte conceitual, para

os experimentos e instalações - aos quais Magliani nunca aderiu.

Entre 1996 e 1999 ela residiu sucessivamente em São Paulo, Rio e Porto Alegre e esses deslocamentos diminuíram sua produção. A partir de 2000, instalada no Rio de Janeiro, Magliani passou a trabalhar no Estúdio Dezenove, ao lado de Júlio Castro e de outros artistas. Nesse período ela intensificou a produção de gravuras e desenvolveu as séries de recortes “Retratos de ninguém” e “Todos” nas quais as figuras se rendem à impossibilidade de comunicação, tornando-se uma multidão de rostos - sem corpo. São rostos anônimos, que não falam, não pensam e nem sequer sofrem. Rostos que diferem uns dos outros, mas são estranhamente iguais, pequenas ilhas de medo - retratos de ninguém.

Sua última exposição em vida, “Procura-se”, em 2012, apresentou obras em preto e branco, reunindo xilogravuras, desenhos e pinturas. No texto de apresentação Rubens Pileggi Sá, premonitoriamente escreve: “Essa é Magliani: ela é sua gravura. Ela é

sua pintura. Ela é ela. Atrás de tudo isso, a elaboração. Cada goiva enfiada na placa revela uma experiência de vida. Cada passada de pincel pela tela uma afirmação: sou o que sou. Mas qual o preço que se paga para manter essa afirmação? Podemos dizer que Magliani paga o preço de ser com sua própria vida, para continuar sendo o que é: artista!”

Maria Lídia Magliani faleceu em 21 de dezembro de 2012, deixando um legado artístico singular. Sua obra, muitas vezes incompreendida, revela uma artista comprometida com a expressão visceral, distante de rótulos étnicos ou políticos.

Este artigo é um convite para compartilhar o legado de Magliani com o mundo.



Flora Repousa, 2012
Acrílica sobre tela
85 x 74 cm
Fotografia Thales Leite

Obs. Este artigo é uma adaptação do texto para o catálogo da exposição “Magliani”, realizada na Fundação Iberê Camargo de 19 de março a 31 de julho de 2022. O catálogo da exposição foi dividido em dois cadernos: um contendo todas as imagens da mostra, que reunia obras de instituições renomadas como o Museu de Arte do Rio, Museu Afro Brasil, Museu de Arte Contemporânea do RS, Museu de Arte Contemporânea da USP, Museu de Arte de Santa Catarina, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu de Arte Moderna de São Paulo, entre outros. O segundo caderno compilou textos da própria artista e de críticos como Angélica de Moraes, Maria Amélia Bulhões e Ado Malagoli, proporcionando uma visão abrangente e profunda sobre a obra e o legado de Magliani.

NOTAS

1 Magliani. A arte existe para incomodar. *Zero Hora*, Porto Alegre, 2 set. 1979, Revista ZH, p. 15. Acervo Documental Fundação Iberê.

2 A curadoria da exposição, que reuniu 202 obras, foi realizada por mim, em parceria com Gustavo Possamai. A publicação que acompanhou a mostra tem dois volumes: um caderno de obras e outro de textos da artista ou sobre ela.

3 Beatriz Araújo Moreira da Silva foi a primeira mulher negra a formar-se na Escola de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1964, mas não seguiu carreira.

4 Trecho do poema de Magliani dedicado a Caio Fernando Abreu, *Cavalo branco na escuridão*, 28/11/1967. Catalogado junto à carta da artista para o escritor, Porto Alegre, setembro de 1967. Acervo Caio Fernando Abreu/Delfos/PUCRS.

5 As gordas que sufocam. *Coojournal*, Porto Alegre, out. 1977, p. 10. Arquivo Flavio Xavier.

6 Liane dos Santos. As mulheres gordas de Magliani: um espasmo corporal. *Experiência Artes*, jun. 1979. Veículo não localizado. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS.

7 Lídia Magliani. *Zero Hora*, Porto Alegre, fev. 1978, Sete Dias, p. 14. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS.

8 João Carlos Tiburski. Entre-falas: Artistas - Maria Lídia Magliani. Boletim Informativo do MARGS, Porto Alegre, nº 32, jan./mar., 1987. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS.

9 Maria Lídia Magliani em: Euzébio Assumpção e Mário Maestri (coord.). *Nós, os afro-gaúchos*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996, p. 100. Arquivo Kailã Isaias.

10 Z. C. D. Brinquedos de armar, a nova série de Magliani. *Folha da Manhã*, Porto Alegre, 20 maio 1979, p. 27.

11 Angélica de Moraes. Magliani adota cores vibrantes na pintura. *Zero Hora*, Porto Alegre, 1984. Acervo Documental do Museu de Arte do Rio Grande do Sul - MARGS.

DENISE MATTAR

Foi curadora do Museu da Casa Brasileira, SP de 1985 a 1987, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, de 1987 a 1989 e do Museu de Arte Moderna RJ, de 1990 a 1997. Como curadora independente realizou mostras retrospectivas de artistas como Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho (Prêmio APCA), Ismael Nery (Prêmios APCA e ABCA), Pancetti, Anita Malfatti, Samson Flexor (Prêmio APCA), Portinari, Alfredo Volpi, Guignard, Yutaka Toyota (Prêmio APCA).